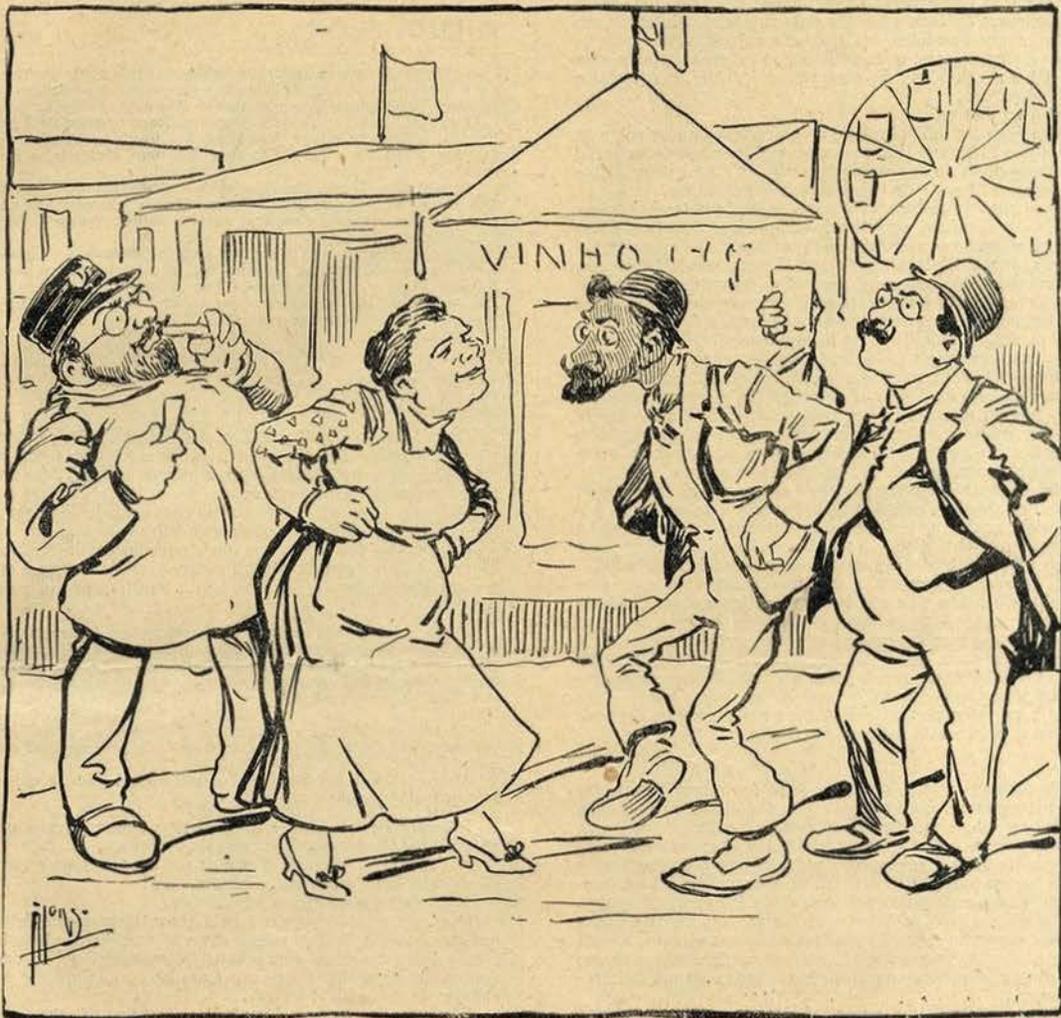




ESTADISTAS DE FEIRA OU A FEIRA DOS "ESTADISTAS,"

«Os srs. ministro do interior, governador civil de Lisboa e o director do jornal de S. Roque, foram hontem gosar para a Feira d'Agosto.»

(Dos jornaes de 18 de Setembro).



Puxando pr'ó "grosso"...

Porque se zangam

Porque nos chamam os republicanos *jesuitas, traidores e malta*? Porque nos mimoseiam com o seu constante rancor, accusando os thalassas das maiores infamias e de crimes que nunca commetteram?

Muito simplesmente porque *não vamos no bote*, como vulgarmente se diz.

Os republicanos, depois de feito o 5 d'outubro, entenderam que a revolução da Rotunda tinha sido uma especie de conquista africana, em que elles desempenhavam o papel de civilisadores e nós de selvagens. Elles eram os senhores, nós os escravos.

Tendo, quando muito, no paiz um quinto de adeptos ao seu credo politico, mais ou menos conscientes, mais ou menos... desinteressados, resolveram dominar os quattros quintos restantes á ponta de cavallo marinho, como outr'ora nas raças os senhores mandavam nos servos.

Não era uma revolução de principios politicos e administrativos o que tinham feito; era uma substituição de pessoas, arredando este do seu logar á mesa do orçamento para sentar aquelle, subjugando tudo e todos as seu criterio omnipotente e unico.

Para nós ficava um unico direito: pagar e levar bordoada! Quem se conservasse firme ao seu ideal politico, quem se abstivesse de fazer côro nos guinchos louvaminheiros aos idolos e aos apostolos, era traidor e reaccionario; quem tivesse crenças, quem, nada pedindo, só exigia o respeito pela sua Fé e a egualdade no cumprimento da lei, era jesuita e malandro.

Crê ou morres.

Ora aceitar um tal estado de coisas era impossivel, e se assim não fosse mal iria o paiz, porque seria a demonstração clara e positiva do seu capamento mental, da ausencia de todas as suas forças e de todos os seus sentimentos.

Com uma inquebrantavel honra e lealdade temos protestado, delicadamente, respeitando sempre a vida particular dos republicanos, só os discutindo politicamente, só os apreciando pelas suas manifestações officiaes. E bastaria esta differença, tão grande como generosa, para elles comprehendem que bem diversos são os processos dos monarchicos, d'aquelles que os republicanos empregavam nos tempos de propaganda.

Pois a esta attitude como teem correspondido? Com ataques cada vez mais grosseiros, com insinuações tão falsas como vis. Se essa gente que se diz liberal e democratica fizesse uma leve ideia do que os principios politicos que invocam querem dizer; se o seu analphabetismo e inconsciencia pudesse comprehender um momento apenas o que significa a Justiça e a Lei, nós ainda tentaríamos mostrar-lhe a negação absoluta em que vivem. Mas não vale a pena.

Isto é nosso — é a sua divisa; e *tambem queremos comer*, como declarou pouco depois de 5 d'outubro, na sala d'um ministerio, segundo o insuspeito testemunho do sr. Theophilo Braga, um cidadão sincero que teve a franqueza de traduzir o pensamento quasi unanime dos seus correlegionarios.

E porque começaram a mastigar desalmadamente com appetite d'elephantes, e nós, que já no antigo regimen condemnávamos sempre os gastronomos d'esta especie, os não deixamos devorar sonegadamente sem que ao menos o *Zé* que paga a conta saiba quem papa os manjares; e porque contra o *isto é nosso* temos gritado, como creaturas que nascemos livres com direito a mandar na nossa casa; — por estas e outras razões somos *malta* e *traidores* com diversas paragens pela escala rufesca do insulto.

Se olhamos ás leis que teem feito desde que inventaram um parlamento á sua imagem e semelhança, só encontramos *funis* com o bojo virado para elles e o bico dirigido para nós. Se analysamos a dictadura do provisorio, só encontramos ataques aos nossos direitos, amalgamados em perseguições de todas as especies. Se nos detemos a examinar a acção governativa dos *eminentes* que teem subido ás cadeiras do poder, só deparamos com palhaçadas ridiculas, com *truces* grosseiros ou com violencias inaceitaveis. Se nos viramos na rua para a direita, encontramos um carbonario ameaçador; se nos voltamos para a esquerda, deparamos com um bufo rodriguesco.

Se exteriorisamos a nossa religião, somos apupados; se declaramos a nossa fé politica, somos agredidos. Se pedimos respeito, ordem e justiça, somos vendidos aos estrangeiros;

se verberamos os abusos commettidos na governação publica, somos conspiradores.

Assim vivemos ha tres annos.

Ora digam-nos francamente: isto é vida? Será esta terra a Patria de todos os portuguezes com eguaes direitos e com eguaes deveres ou um terreno conquistado pelas balas da Rotunda para uso e proveito dos revolucionarios vencedores, onde quem não fór republicano não tem cathogoria de gente?

Que teem feito os homens que desde o 5 d'outubro mandam e governam, quer sentados nas cadeiras do Terreiro do Paço, quer sentados nos bancos das ruas e dos cafés, para agradar, para attrahir, para demonstrar que a sua forma politica é na pratica o que tinham annunciado em theoria?

Que teem feito para bem do Povo? Que teem feito para desenvolver a Riqueza?

Que teem feito para cimentar a Ordem? Que teem feito para garantir a Liberdade? Que teem feito para fomentar o Progresso? Que teem feito para crear o Respeito? Que teem feito para honrar a Patria?

Que teem feito?!

Teem enchido as prisões; teem afastado o capital; teem promovido o sobresalto; teem amordaçado a imprensa; teem paralyzado as iniciativas; teem aggravado com o insulto!

Que futuro nos espera?

Ahi a sua obra a responder-nos. E por a fugistarmos *brandamente*, nós somos *malta, reaccionarios, traidores e vendidos*. Ora pois!...

A FINA FLOR...

O *Revolucionario*, semanario republicano desde a raiz dos cabellos á ponta dos pés, anda publicando a biographia dos cidadãos que compõem o chamado grupo de defeza affonsista, *Filhos da noite*.

Entre os nomes da distincta relação notamos os seguintes: João Farinha, o *Sessenta e nove*, José Licas, A. Oliveira, o *Cabeleirinha*, Joaquim Maria Ferreira, o *Chumeco*, Albertino Mesquita, o *Faz-tudo*, etc.

Bem dizia o *Mundo*, quando se abriu S. Carlos depois de implantada a republica, que os canastrões não faziam falta nenhuma porque uma *nova sociedade mais sã e distincta* iria occupar o logar d'aquelles.

Claro! Até parece que já estamos a vêr o *Chumeco* e o *Cabeleirinha*, todos puxados, na primeira fila, a cumprimentar o amigo Affonso Costa e o nosso Estebão *bras dessus bras dessus* com o *Faz-tudo* e o Licas, a pedirem *bises* no final do *Samsão e Dalila* para vêrem cair outra vez o templo...

Que bom!

NÃO EXISTEM...

Ora digam-nos aqui uma coisa muito á puridade: para que são tantas prevenções nos quartéis e nas esquadras, tantos receios e tantos boatos? Vocês esperam partida grossa... dos seus correlegionarios, não é verdade?

Sim, sejam francos. Vocês andam com vontade de se agataharem uns aos outros, fraternalmente fallando?

Olhem, essa *fitá* de dizerem que são revoluções monarchicas é que já não pode pegar por mil razões e mais uma, que é este bocadinho todo tirado das canellas... intellectuaes do nosso Estebão.

«Toda a gente sabe que as forças monarchicas diminuem dia a dia. A administração austera e intelligente da Republica tem sido a forma mais eficaz de propaganda. Verdaderamente não existem monarchicos; a não ser alguns sebastianistas, ou mignelistas, que acreditam na vinda do REI, como os judeus acreditam na vinda do Messias.

O resto consiste nos que fazem do monarchismo um modo de vida comodo, ainda que immoral, os despeitados, os comilões e os snobs.

Mas tudo isso junto não vale cinco réis de mel coado, a não ser pela desvergonha, que é muita.»

Isto vem escripto com todas as letras com que reproduzimos, ali na *Patria*, órgão officioso do governo.

A thalassaria *não vale 5 reis de mel coado* e toda a gente sabe que as suas forças diminuem dia a dia!

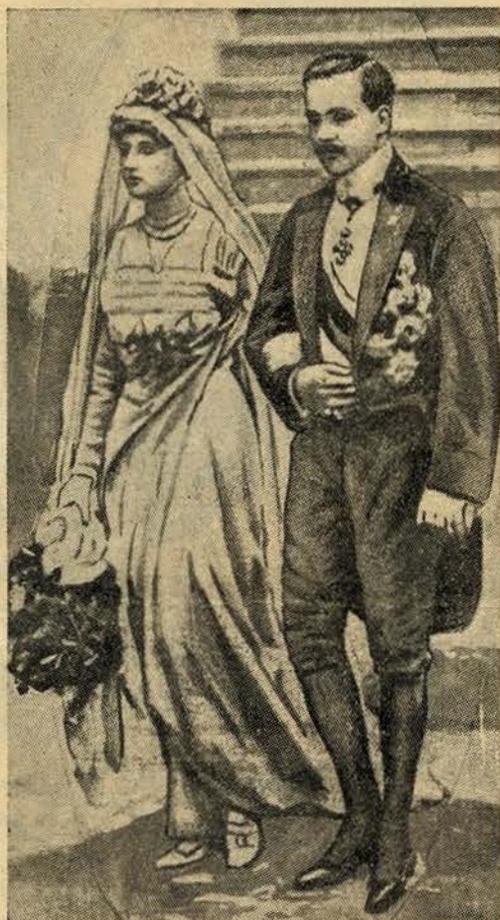
Mais ainda: *monarchicos não existem!*

Ora, portanto, carissimos republicanos, teem que confessar que essa boatada das incursões e das conspirações reaccionarias é tudo uma trêta e que lá no seio da *fraternidade* é que ha uma vontadinha de ajustar contas que é um louvar ao Supremo Architecto da pancadaria!

Pois que se esmurrem á vontade, se isso lhes dá gosto, mas não se mettam... com quem *não existe!*

Até parece mal; palavra!

A CERIMONIA DE SIGMARINGEN



REGRESSANDO DA CAPELLA

O sr. D. Manuel de Bragança e sua augusta Esposa

A sr.^a D. Amelia d'Orleans e o principe Guilherme d'Hohenzollern

“Marquez de Pombal,, ou a Expulsão dos “jasuitas,, (2.ª edição, correcta e augmentada)



ELLE: — D'esta vez não vão só os «jasuitas», vae o povinho todo corrido; fico EU só com o Borges, o Rodrigo e o Daniel... para acabar o resto...

A CARAVELLA

Caravella, vae á velia,
Ao sopro da brisa amante,
Longe te guia uma estrella,
Que é nossa, embora distante.

Já foi a decantada mala aberta,
Para cumprir disposições *legaes*:
Pagamento de imposto, e tudo o mais
Que a lei do fisco exige, sempre álerta.

Assim o impôz a gente mais esperta
Que neste reino reina, nos jornaes...
Mas eis que cessa a furia dos banaes
A' sombra de um *leão*, que mal desperta.

Vae, caravella, livre, de viagem!
Nas mãos de um rei, que sempre nos quizera,
Lá fóra, vos aguarda uma mensagem.

E a Arte Portuguesa mais se erguera,
N'outro paiz, buscando uma homenagem
Que no seu gremio patrio não tivera!

A CERIMONIA DE SIGMARINGEN

Commemorando a cerimonia dos esponsaes de Sigmaringen O THALASSA publicará breve uma edição especial e extraordinaria em papel «couché», onde inserirá as photographias de mais interesse dos diversos assumptos que se relacionam com tão magno acontecimento.

O preço da edição será de 100 réis por exemplar e pelo correio 110 réis, recebendo-se desde já na administração pedidos, que serão satisfeitos quando venham acompanhados da respectiva importância.

APRENDENDO

¶ Desejando completar a sua educação, o sr. Affonso Costa resolveu tomar umas lições de jornalismo com o seu correlegionario e amigo França Borges.

Ha muito que o grande financeiro invejava no seu intimo aquella maneira especial de escrever na imprensa, e, repetidas vezes, o chefe dos democraticos, ficou boquiaberto deante do jornal de S. Roque, dizendo com os seus botões:

— E' prodigioso! Mas como conseguirá elle equilibrar-se só n'um dos pés para fazer estas coisas tão bem feitas?!

Depois do almoço ultimamente celebrado para festejar o anniversario do *Mundo*, ficou assente tomar as lições.

— Você passa por lá todos os dias um bocadinho — convidou o França — e verá como ao fim de pouco tempo já escreve como eu.

Assim foi: todas as tardes o Sr. Affonso Costa, depois de sahir do seu ministerio, galgava a antiga rua de S. Roque e dedicava uns minutos áquelle proveitoso ensinamento.

— Ora muito bem! — declarou o França n'uma das ultimas lições.

— Os principios rudimentares já vae sabendo.

— Sei, é modo de dizer — interrompeu modesto o eminente estadista. Ha um ponto que ainda não comprehendi bem.

— Ora essa! Diga, diga... Qual é?

— E'... é... a posição...

— Isso é facilimo, meu caro Costa. A gente põe-se na nossa posição natural, e zã, começa logo a escrever...

— Ah! sim, sim! Comprehendo...

— Não custa mesmo nada, pode crer. Olhe, cá no jornal os rapazes aprendem logo n'um instante.

— Bem, então vamos lá. Você agora dá-me um thema qualquer para eu desenvolver em artigo, para vér se já vae.

— Pois sim. Ora imagine o meu caro Affonso que hoje, por exemplo, um jornal qualquer reaccionario largou uma piada ao caso de S. Thomé, dizendo certas coisas, citando combinações...

— Você está maluco! Então para que serve a censura? Ora essa! Nada, lá no Daniel tenho eu confiança.

— Isto é só uma hypothese...

— Pois sim, mas com hypotheses d'essas não se brinca.

— Bem, então vamos lá a outro assumpto. Olhe, um antigo cacique monarchico a quem você mandasse pedir os votos e que lh'os recusasse. E' claro, tinhamos que o descompôr no jornal até o gajo ceder. Ora redija lá a local...

O sr. Affonso Costa hesitou um instante e depois, collocando-se á secretaria segundo as indicações do seu professor, começou a escrever n'um linguado. Ao fim de dez minutos estava prompto.

— Veja lá, França, veja lá que tal lhe parece?

O director do *Mundo* começou a lér pausadamente:

«Um reaccionario.
Ainda mexem os reaccionarios apesaz do regimen crapuloso da monarchia ter sido para sempre banido e a gloriosa Republica ter hoje á sua frente um dos estadistas mais notaveis do mundo, o nosso querido chefe e inequalavel financeiro sr. dr. Affonso Costa. Um caso passado ha dias provou-o claramente. No concelho de... o cidadão Fulano continua feito, com os inimigos das instituições, impedindo que concorram á urna os filhos do povo, que ali podem ir afirmar a sua soberania e a fé que os anima pela republica e pelo grande homem que hoje preside aos seus destinos, o incomparavel estadista e nosso querido chefe e amigo sr. dr. Affonso Costa. Recomendamos o reaccionario ás autoridades.»

Quando terminou a leitura, o França sorriu, e batendo uma paladinha no hombro do seu dilecto amigo, declarou solenne:

— Ainda está verde, meu caro Costa, ainda está muito verde n'estes assumptos!

— Não está bem?

— Assim estavamos bem servidos, meu amigo. Isto não é para o desanimar, porque tenho a certeza que você ha-de dar bastante mesmo por enquanto não admira que ainda esteja falho, mas olhe, começou logo mal no titulo.

— Então *Um reaccionario* não serve?

— Não, homem. Isso era muita delicadeza e bem sabe que tudo que sejam processos *jesuiticos* não servem.

— O' França, então emende lá para eu aprender...

— O titulo deve ser assim: *Um malandro!*

— E' boa! Realmente é mais... é mais energico...

— Muito mais. E depois é preciso ter sempre em conta o paladar dos nossos leitores.

— Tem razão, tem razão...

— Em vez do *regimen crapuloso da monarchia* devia ter posto nos tempos dos *bandalhos ladrões*...

— Também fica mais ao paladar, não ha duvida nenhuma. E n'aquelle bocadinho que trata do elogio cá ao rapaz?

— Esse está bom. Mas depois o resto a seguir é que não presta para nada. Olhe, quer vér como fica na *ponta da unha*?

O França pegou n'outro linguado e escreveu:

No concelho de... um malandrão que dá pelo nome de Fulano continua conspirando descaradamente tendo ligassões secretos com os traidores que lá fóra andão a soldo da cambada jausitica que tentam vender a Patria ao estrangeiro. Ameaça os eleitores se votarem com o governo e impede o progresso do regimen em que se baseia a aspirassão nassional. E' de crer que o Povo faça justissa a quem tanto o provoca.

O sr. Affonso Costa, cheio d'enthusiasmo, leu d'um folego.

— Bravo, França, bravo! Mas o diacho é se o homem não fór conspirador?

— E que tem a gente com isso! Você, Costa, está-se a fazer ingenho! Então com que pretexto o haviam de metter na prisão? E depois, meu caro — ajuntou o director do *Mundo* com um sorrisinho diabolico, piscando o olho — se o *povo fizer justissa*, como eu indico, os votos, é claro, passam para outro influente e já depois é mais facil apañhar este, comprehende?

— Tem razão, meu querido França, tem muita razão. Olhe, mande compor a noticia porque fica prompta para o primeiro que apparecer nos casos. E' só pôr o nome. Mas olhe, ha aqui umas coisitas em que você não reparou pela pressa com que estava a escrever. Poz *ligações* com tres ss, *secretos* em vez de *secretas*, *governo* com *u*, *progresso* com *ç* e outras miudezas.

— Isso não tem importancia nenhuma, é lá com o revisor. Eu sempre escrevi assim e você tem visto os resultados da minha obra. Mesmo porque sobre orthographia e grammatica tenho cá uma maneira muito especial de pensar. Acho-as absolutamente inuteis...

O sr. Affonso Costa, não desejando absolutamente n'aquelle assumpto, tomou o pretexto das horas para se retirar.

— Pois por hoje basta. E amanhã cá estarei outra vez para você me aturar um bocadinho.

— A nossa lição d'amanhã não é aqui. Você precisa saber todos os segredos jornalisticos cá da casa. Quero oriental-o sobre administração e por isso amanhã vamos dar lição n'outro sitio. Você vae ter commigo...

E o França, piscando o olho, segredou ao ouvido do Sr. Affonso Costa.

— Está dito — affirmou sorrindo o chefe dos democraticos — Metto-me no carro do Alecrim...

— E eu estou á esquina da rua á sua espera. E' a primeira vindo de baixo, sabe?

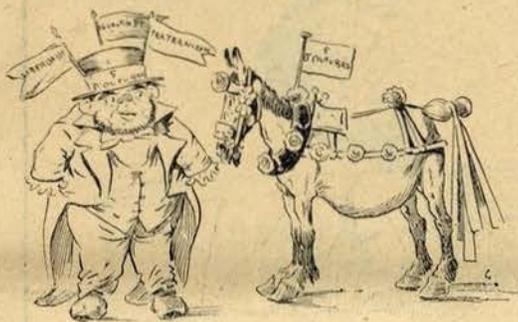
— Então você pensa que eu me esqueço assim dos tempos da propaganda?!

Com um forte aperto de mão, professor e discipulo separaram-se.

“ARCADES AMBO”

«Do programma das festas de 5 d'outubro constará um concurso de cavallos de carroças.»

(Dos jornaes).



Um dia no anno
(ambos folgam)



Todos os dias do anno
(ambos puxam)

LAMENTANDO-SE

Conta-nos *um camachista* que o seu chefe declarou ha dias, muito desanimado, no Centro, depois de lér a noticia da descoberta do quinquagesimo quinto *complot* contra a vida do sr. Affonso Costa:

— Só contra mim ninguém attenta!

Olhe, vá para a Italia que é a terra dos attentados.

A's vezes pode sêr que na confusão...

O QUE ELLES DESCOBREM

Escreve-nos *Um democrata desiludido* (não diga isso!) que n'uma povoação onde passou ha dias, no concelho de Coimbra, viu escripto na porta d'uma taberna: *biba a repuelica — bom Binho!*

E depois de fazer grande escarceu com o caso, accrescenta o *desiludido* que a republica não tinha R grande e que o *Binho* tinha.

Então que quer. Bem vê que do *Binho* é que o homenzinho vive e... amigos, negocios á parte.

Pois biba!...

ACHATA!...



Nem mensagem, nem dedicatoria, nem direitos!
Que grande fiasco! Achata!

OUTRO ATTENTADO!

Olhem que aquelle do *complot* para envenenar o leite que o nosso Czar Affonso toma no ministerio, tambem é de primeirissima!

Qualquer dia descobrem uma associação secreta nos canos da retrete de S. Ex.^a e ali o temos depois pelos cantinhos a alfiar-se ora n'uma rua, ora n'outra, para desnortear os criminosos...

Dão com o homem em doido, não ha que vêr!

ORA ESSA!

Pergunta-nos um leitor de Braga se vale a pena cá vir vêr as festas do 5 d'outubro.

Mas isso nem se pergunta!

Venha e traga a familia toda.

Só a parada das carroças de fanico é um numero que vale o preço da viagem.

THEATROS

Republica.—A's 8,30 e 10,30—Continua em pleno exito a celebre revista *De capote e lenço*, que tanto tem entusiasmado o publico de Lisboa.

Avenida.—A's 8,45 e 10,30—Com enchenes successivas continua a magnifica revista *O 31*, que tanto tem dado que falar, pela maneira com que os seus auctores a encheram de graça e pelo bom desempenho dos seus interpretes.

Rua dos Condes.—Reabre esta semana este theatro depois de ter soffrido grandes melhoramentos. A peça de abertura é a graciosa revista de Alvaro Cabral e João Bastos, *Peço a palavra!* completamente remodelada.

Phantastico.—A's 8,45 e 10,30—A revista *Piparotes*, que todas as noites apresenta surpresas, continua com extraordinario agrado.

Colyseu dos Recreios.—A inauguração d'esta magnifica casa de espectaculos realisa-se no dia 27 do corrente.

Estreiam-se numeros de grande sensação, assim como os ciclistas Lane e Dale, les Felites, excentricos de grande originalidade.

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

Salão Foz.—Animatographo e varie lades. A completista e bailarina La Saleri e a distincta cantora Italia Actis continuam com agrado.

Salão da Trindade.—Animatographo e variedades.

Terrasse.—Rua Antonio Maria Cardoso.

Olympia.—Rua dos Condes.

Central.—Avenida da Liberdade.

The Splendid Foz Garden.—Continua sendo este o ponto de reunião preferido pela nossa sociedade.

“LIÇÕES DE CIVISMO”

«Se escrevesse, escreveria como o seu director, combateria com o mesmo ardor que elle combate, poria ao serviço da causa republicana toda a sua convicção, toda a sua energia como França Borges a põe; teria orgulho em escrever o que elle escreve, porque é reveladora da sua coragem indomita, da franqueza que o caracteriza a sua audacia na exposição quando combate o mal...»

(Discurso do Chefe do Governo no refeitório da Rua do Thesouro Velho.)



... e quebra os dentes á calúnia dos que perversamente querem minar a Republica. E' d'ahi que vem o seu poder, é isso que o faz forte. — (Do mesmo).

... é dos pés que vem o seu poder! ...